

EX-ESPOSA

URSULA PARROTT

AMOSTRA

EX-ESPOSA

URSULA PARROTT

Posfácio por MARC PARROTT

TORDESILHAS

Rio de Janeiro, 2025

Ex-esposa

Copyright © 2025 TORDESILHAS

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editora Ltda., editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 1929 URSULA PARROTT

ISBN: 978-65-5568-301-1

Translated from original Ex-wife. Copyright © 1929 by Ursula Parrott. ISBN 9780571388059. This translation is published and sold by arrangement with Tassy Barham Associates, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Tordesilhas. Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P263e

1.ed.- Parrott, Ursula.

Ex-esposa / Ursula Parrott; tradução de Beatriz Medina. - Rio de Janeiro: Tordesilhas, 2025.

288 p.; 15,7 x 23 cm.

Título original: Ex-wife.

ISBN: 978-65-5568-301-1

1. Literatura norte-americana. 2. Romance. 3. Relações conjugais - Ficção. I. Título. II. Tradução.

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana - Romance - 813

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutz

Coordenadora Editorial: Mariana Portugal

Tradução: Beatriz Medina

Copidesque: Edite Siegert

Revisão: Beatriz de Assis

Diagramação: Lucia Quaresma


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:



ANMOSTRRA

Para H.

AMOSTRA



PREFÁCIO

Monica Heisey

No fim do romance *Ex-esposa*, um casal de recém-casados repentinamente divorciados se encontra para um último jantar. Peter e Patricia estão meio cansados de guerra: quando o desequilibrado casamento aberto chegou às bêbadas vias de fato, Peter ficou com uma série de outras mulheres e se mudou, enquanto Patricia recusava o divórcio formal. Palavras grosseiras foram trocadas, e os dois adotaram o hábito de ligar para o outro sob efeito da bebida e sugerir almoços condenados ao fracasso ou sexo ainda mais condenado. Alguém foi jogado numa porta de vidro. Agora, a situação está mais calma. Depois de algumas observações saudosas e mais coquetéis Tom Collins do que seria prudente, chegou a hora de Peter chamar um táxi para a ex-esposa. Ao sair da sala, ele implora: “Pelo amor de Deus, pense em algo irreverente para o discurso de separação. Já pensei no meu.” Quando ele volta, as tentativas dos dois fracassam (ter a última palavra nem sempre traz o prazer imaginado). Talvez seja inevitável; como resumir o fim de um casamento?

Um dos muitos sucessos do livro é que, na verdade, ele nem tenta fazer esse resumo. Patricia, a narradora, se equivoca e muda de ideia, duvida de si mesma e conta versões diferentes da parceria e de seu fim a públicos diferentes por razões diversas. O resultado é um re-

PREFÁCIO

trato comovente, engraçado e, às vezes, perturbador de uma mulher chocada com o fim do que ela achava que duraria para sempre. Ao ler *Ex-esposa* como outra ex-esposa, me espantei com a semelhança das experiências, apesar dos quase cem anos que separam o divórcio de Patrícia do meu. Aí estão o conhecido esforço ineficaz de autoaprimoramento, os encontros desastrosos reformulados como anedotas engraçadas para amigos noivos, os caros tratamentos faciais que, na verdade, não poderíamos pagar, os sermões histriônicos sobre o Amor Irrevogavelmente Desfeito. Em meio à identificação alarmante com as humilhações, também havia triunfos conhecidos: uma noitada quase enlouquecida com uma amiga também solteira, o retorno perfeitamente cronometrado numa discussão imaginária, um vislumbre de crença em si na volta da academia, aqueles primeiros flertes que acenam para a possibilidade de que, algum dia, outro ser humano talvez nos deseje e até nos ame.

A capacidade de Ursula Parrott de adejar entre altos e baixos, claros e escuros, é bem adequada ao pano de fundo do romance: o mundo cintilante, mas sinistro, de Nova York na década de 1920. *Ex-esposa* foi lançado em meados de 1929, meses antes do colapso da bolsa de valores que abalou o país, numa época em que a cultura estadunidense flertava com uma nova modernidade, mas ainda tentava se livrar das sobressaias vitorianas. Os estigmas que cercavam o divórcio, o sexo pré-conjugal e extraconjugal e as mulheres no local de trabalho estavam enfraquecendo, mas não tinham sumido; o romance, lançado numa capa embrulhada em papel e deliberadamente sugestiva, contrabandeia tudo isso e muito mais, como alcoolismo, violência doméstica e aborto. O livro foi vendido como celebração da nova mulher do século XX, que bebia em bares clandestinos, dançava em boates e equilibrava a carreira com uma gama de pretendentes.

O lançamento foi escandaloso — de propósito. Publicado anonimamente como artifício de marketing, os jornais o chamaram de “livro sensacional sobre sexo e maridos”. Depois de uma enxurrada de especulações na mídia sobre a autoria, Ursula Parrott, escritora de moda (e ex-esposa na vida real), foi desmascarada por uma coluna de fofocas, o que causou outra rodada na imprensa, com manchetes como “Ficção ou confissão?”, que soariam familiares a quem, ainda hoje, lê resenhas de mulheres romancistas. Embora a autora insistisse que Patricia era uma personagem composta, inspirada em si mesma e em outras moças em circunstâncias parecidas, a semelhança com a jovem melindrosa de cabelo Chanel na capa era extraordinária, e a associação entre a narradora perturbada e glamorosa e a autora glamorosa e perturbada permaneceu.

Nascida Katherine Ursula Towle em 1899, em Boston, a menina que se tornaria Ursula Parrott sonhava em escrever quando estudava no Radcliffe College. “Kitty”, como a chamavam na época, tinha notas medíocres, mas não lhe faltava estilo. Como muitas moças familiarizadas com suas paixões, mas não, por razões variadas, com sua ambição, ela se casou com quem queria ser: um repórter chamado Lindesay Parrott. O casamento não foi feliz; Lindesay impôs a falta de filhos como condição para se unirem, pois queria se concentrar na carreira e aproveitar a nova liberdade trazida pelo pós-guerra e pelo lar adotado de Nova York. Mas essa liberdade não se distribuía igualmente. Ainda era ilegal receber e até distribuir informações sobre controle da natalidade, e Ursula engravidou logo depois do casamento, em 1923. Ela voltou a Boston, onde deu à luz em segredo, chamou o bebê de Marc e o deixou para ser criado pelos seus pais e pela sua irmã. Dois anos depois, Lindesay descobriu a existência desse filho e se divorciou da mulher.

PREFÁCIO

Repentinamente mãe solo que precisava se sustentar, Ursula não podia mais se dar ao luxo de não escrever. Posta na lista negra pelo ex, jornalista bem conectado, e com dificuldade para ser levada a sério por editores misóginos, Ursula recorreu ao tão vilipendiado gênero da “ficção feminina” e criou a história de Patricia, jovem redatora presa no purgatório entre os fins emocional e legal do casamento. Repleto de lindas descrições de roupas e cosméticos e temperado com ácidas frases de efeito sobre bebidas e maus namorados, *Ex-esposa* despertou emoções. Foi um best-seller imediato e vendeu mais de cem mil exemplares no primeiro ano após a publicação. Hollywood poliu as arestas mais sombrias do romance, o reembalou como *A divorciada* e o lançou como um filme de sucesso que rendeu a Norma Shearer o Oscar de melhor atriz pelo papel-título. Ursula se tornou uma sensação da noite para o dia e se esforçou muito para aproveitar isso ao máximo. Teimosamente, nos vinte anos seguintes, ela consolidou seu nome com mais de vinte volumes de ficção e cinquenta contos, além de artigos em revistas e roteiros para o cinema, e ficou milionária, com um grande número de seguidores e uma obra sempre crescente.

Mas, para ela, a felicidade não foi tão fácil quanto a escrita. Apesar da fortuna substancial, Ursula morreu escondida, profundamente envidada, depois de ser presa várias vezes, uma delas por “prejudicar a lealdade e a disciplina das forças combatentes dos Estados Unidos” (ela tentou tirar um jovem soldado do alojamento e levá-lo para jantar). Três casamentos mal concebidos foram rapidamente seguidos por outros três divórcios, e o relacionamento com o filho, cuja maternidade ela só admitiu quando o menino tinha sete anos, se manteve tenso. Os abortos, o alcoolismo e outros escândalos variados foram alvo da zombaria impiedosa da imprensa. O escárnio do público aumentou conforme ela envelhecia e cumpriu a profecia dos seus primeiros textos sobre “damas que sobram”, nome que ela dava às mulheres vítimas de uma sociedade que jogava as mais velhas contra as mais novas. Ela passou os

últimos anos em vários hotéis, com amantes, prazos descumpridos para beber e passear com o cachorro (um poodle, incrivelmente, chamado Ex-esposa) e acúmulo de contas não pagas, enquanto dilapidava sua fortuna. Com os escândalos românticos e financeiros, as encomendas e os relacionamentos profissionais secaram. Depois de supostamente escapular da casa de amigos que a hospedaram com mil dólares em prataria, ela passou os últimos anos fugindo de uma ordem de prisão e morreu sozinha de câncer numa enfermaria de caridade aos 57 anos.

À luz da trajetória de sua vida, talvez não surpreenda que a visão de Ursula Parrott sobre o novo mundo e os novos caminhos disponíveis para as mulheres não seja muito otimista. “Não sou feminista”, disse ela em 1931 à revista *Photoplay*. “Na verdade, me ressinto das feministas; foram elas que começaram tudo isso.” Em Ex-esposa, Patricia reflete o ceticismo da sua criadora nas observações irônicas sobre a maneira supostamente liberada como o homem e a mulher modernos amavam e faziam amor. “Os homens costumavam me comprar violetas”, diz ela. “Agora, me compram uísque.” O mundo de Patricia é cheio de passeios de táxi pelo parque, de flertes com chapéus elegantes e coquetéis fortes em festas espalhafatosas, mas Ursula traça de forma igualmente vívida essas mesmas festas depois do terceiro, do sexto e do décimo sexto drinque; a posição econômica precária das mulheres, cuja viabilidade profissional só existia enquanto fossem consideradas sexualmente viáveis; a indiferença e até a violência dos homens não mais contidas pelas antigas regras do decoro.

O livro é menos uma celebração da mulher não convencional do que um mapa dos riscos que ela corre. Ursula é uma cronista franca e realista do mundo como ele é, mas Ex-esposa também é polvilhado de vislumbres de como o mundo poderia ser: cheio de amizades acolhedoras, arranjos de vida não convencionais, atos de espantosa generosidade entre mulheres e até a bondade de alguns homens gentis. Embora lindamente descritos, eles não são o foco do romance. Na

PREFÁCIO

verdade, Patricia termina o livro não como um novo tipo de mulher, mas como sempre foi: esposa de alguém, disposta a tentar de novo com olhos mais abertos. Ao perder outro amor e aceitar a proposta de um homem rico que promete respeitá-la, mesmo que sem romance, Patricia e a amiga Lucia pensam na vida nova e no maravilhoso casaco de pele que o noivo lhe comprou:

— Vai dar tudo certo, suponho. — Ela passou o dedo pela capa de arminho. — O rótulo pode ser “Sucesso na edição americana”, Patricia.

Cem anos depois, ainda é difícil definir “Sucesso na edição americana”, principalmente no que diz respeito ao romance heterossexual. Sem dúvida, a própria Ursula nunca achou que o tivesse encontrado, apesar das muitas conquistas profissionais e da vida pouco convencional que, com esforço, criou para si. Ex-esposa deveria ser o seu ponto alto: precursor da autoficção contemporânea, tão relevante, comovente e cáustico hoje quanto na época da publicação, a expressão por excelência da sugestão de Carrie Fisher de “pegue seu coração partido e o transforme em arte”. Embora a heroína de Ursula ceda a um casamento de conveniência e a própria Ursula acabe como uma “dama que sobra”, Ex-esposa existe hoje como testemunho das outras possibilidades que a virada do século trouxe para as mulheres, entre elas, principalmente, a capacidade de falar francamente sobre o mundo como ele era. Com seu romance, Ursula obteve o que não conseguiu imaginar para a sua heroína, muito menos para si: o contestado consolo da última palavra.

EX-ESPOSA

ANIMOSTRA

AMOSTRA



I

Meu marido me deixou quatro anos atrás. Por que, não entendo direito, nunca entendi. Desconfio que ele também não. Hoje, quando o que parecia uma catástrofe e suas causas são assuntos igualmente irrelevantes, minha tendência é, cada vez mais, crer que ele chegou ao ponto de me abandonar porque reagi de forma exagerada à primeira menção da possibilidade.

É claro que, durante os seis meses frenéticos que precederam a sua real partida, ele apresentou razões para isso, às dúzias. Eu me lembro de algumas. Às vezes, dizia que perdi a minha beleza. Outras vezes, que eu só tinha minha aparência como recomendação. Dizia que eu não me interessava pelos interesses dele. Dizia também que eu insistia em me lançar em todos eles. Dizia que eu era apática ou temperamental: não tinha senso moral ou era puritana. Dizia que queria se casar com uma mulher que realmente amasse; e que, quando se livrasse de mim, não se casaria com mais ninguém nem que apostassem.

Nos quatro anos desde então, escutei as causas dadas para o triste fim de muitos casamentos e passei a considerar a lista de meu marido tão sensata quanto as outras.

Ele se cansou de mim; caçou razões para justificar seu cansaço e as encontrou. Pareciam válidas para ele. Suponho que, se tivesse me cansado dele, eu faria a mesma coisa.

Mas eu não me cansara dele; assim, combati sua partida de forma impiedosa e muito burra. Tinha certeza de que, se lutasse, eu venceria. Nunca fui tão segura de mim desde aquela época em que tinha 24 anos. Nenhuma agitação de escrúpulos éticos sobre a possessividade, nem a ideia da inutilidade de coagir emoções complicavam meu esforço para manter o que queria.

A princípio, creio que fingi motivos elevados — “fique em nome de nossas famílias” e coisas assim. Mais tarde, com mais pânico, experimentei discussão, raiva, angústia, histeria e ameaças de suicídio; e me recusei a admitir para mim, até cinco minutos antes da sua partida, que ele realmente poderia ir embora, apesar de tudo...

Enquanto ele acabava de fazer as malas, fiquei sentada e comecei a acreditar. Tentei pensar em algum milagre de última hora para continuar: considerei cortar os pulsos para que ele tivesse de buscar o médico e ficar até que eu me recuperasse. Mas reconheci, num mundo que de repente se tornara um lugar completamente inacreditável, que ele poderia simplesmente sair e me deixar para morrer dos cortes.

Torci para parecer arrasada; torci para parecer adorável. Então me lembrei de que a poltrona em que me sentava era um presente de casamento da tia Janet, tia dele, e me perguntei o que se faz com os presentes da família do marido quando ele vai embora. (Em Nova York, são finalmente vendidos a amigos recém-casados sem recursos.) O abajur ao meu lado era um dos primeiros no estilo modernista. Eu me lembrei de que a Wanamaker's ainda não fora paga por ele.

O som das malas se fechando parou. Ele entrou.